

Onde Investir – Maio de 2020

Em abril os mercados se tornaram mais otimistas, se recuperando em diversos países. O ambiente continua desafiador, porém a incerteza acerca do vírus diminuiu além de surgirem evidências sobre potenciais vacinas e tratamentos.

Mantemos a percepção de que a crise como um todo gera oportunidades e seguimos com o aumento de exposição à risco nas carteiras sugeridas.

Guia de investimentos

O mês de abril trouxe algum alento para os mercados de renda variável, em especial devido aos grandes estímulos fiscais e monetários sendo aplicados ao redor do mundo e o início da reabertura das economias na Ásia e na Europa. Em relação às suas mínimas de março, o Ibovespa subiu 14% e o S&P em torno de 20%.

A alta mais forte começou na segunda quinzena do mês, quando mais estímulos foram anunciados e houve uma melhora do cenário relacionado aos entraves do petróleo, sinais de frenagem de contágio do coronavírus em diversas economias e evidências de possíveis tratamentos e vacinas também relacionadas ao vírus.

No cenário local a situação política foi agravada, culminando nas saídas dos Ministros da Saúde, Henrique Mandetta, e da justiça, Sérgio Moro. A crise de confiança gerada por estes fatores levou o câmbio às suas máximas históricas atingindo R\$ 5,59 por USD.

Mantemos a percepção de que a crise como um todo gera oportunidades e seguimos com o aumento de exposição à risco nas carteiras sugeridas. Temos dado preferência, entretanto, aos ativos internacionais. Optamos também por encerrar a exposição dos portfólios a ativos prefixados, que iniciamos em setembro do ano passado.

Investidor Conservador: como investir no cenário atual?

Para o investidor conservador o cenário continua desafiador. As taxas de juros de curto prazo estão bastante baixas e os fundos de crédito continuaram amargando perdas leves e realizando volatilidade historicamente alta para classe.

Os retornos mais erráticos vieram para ficar: consequência da taxa de juros mais baixa, que não consegue amortecer as flutuações dos ativos tão bem quanto antes, e da liquidez crescente no mercado secundário de crédito, que faz com que esses ativos, antes um porto seguro, fiquem mais sensíveis ao humor dos investidores.

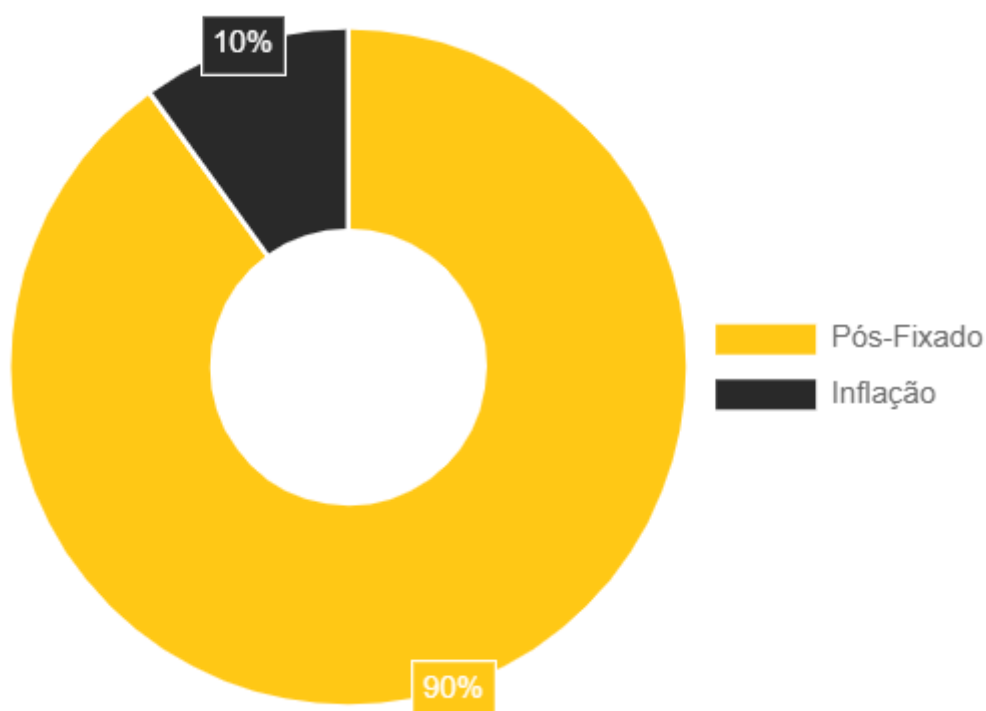
Continuamos o movimento de adicionar risco, especialmente na parte de crédito privado, buscando se beneficiar de um carregamento alto e uma eventual reprecificação de ativos.

Sugestão de carteira

A parcela majoritária do portfólio está alocada em fundos de crédito e aumentamos ligeiramente esta alocação, de modo a comprar ativos com excelente carregamento e obter retornos excedentes ao CDI com diversificação, liquidez e compressão do spread de crédito. Os veículos têm resgates cotizados em até 30 dias corridos. Os papéis de crédito são de primeira linha ou protegidos pelo FGC.

Zeramos a exposição à **Prefixados** por entender que frente às dificuldades da crise, a curva de juros se encontra bastante comprimida.

Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Escolhemos entre os papéis de crédito possíveis para o cliente conservador com prazos mais longos e complementamos com CDBs com prazo médio em torno de 5 anos. Além disso, há uma parcela em fundos, visando um resgate rápido, caso haja uma mudança no cenário desenhado por nós.



Investidor Moderado: como investir no cenário atual?

Neste mês, seguimos com o aumento gradual de risco da carteira, sugerindo desta vez uma redução ativa da posição de renda variável no Brasil, focando o aumento em ativos de renda fixa e renda variável do mercado global.

No mês passado havíamos reduzido parcialmente a exposição cambial da carteira, tendo em vista a forte desvalorização do real frente ao dólar. Porém, frente a deteriora do cenário doméstico, esse mês retomamos o patamar anterior.

Sugestão de carteira

Em torno de um 30% da carteira está atrelado às **taxas de juros de um dia**, sendo que 5% com possibilidade de resgate rápido, necessária para atender as necessidades de liquidez do próprio investidor e também nos possibilitando alterações rápidas na alocação. No restante buscamos maior rentabilidade através de papéis bancários e corporativos, isentos ou não.

Zeramos a exposição à **Prefixados** por entender que frente às dificuldades da crise, a curva de juros se encontra bastante comprimida.

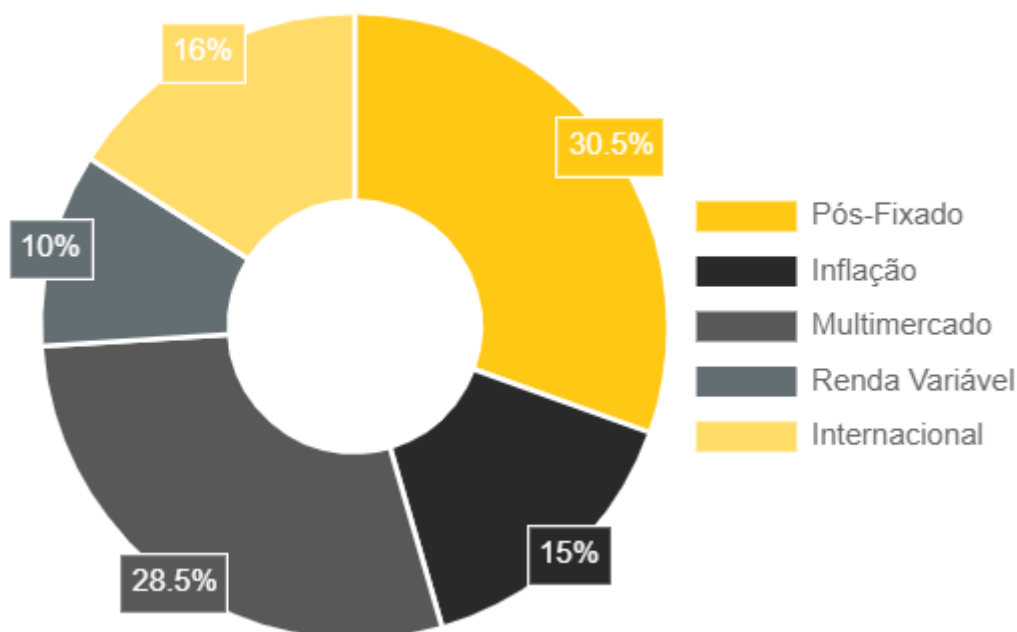
Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Seguimos concentrados em créditos isentos de prazo de cerca de 5 anos em detrimento de fundos expostos à papéis do Tesouro Nacional, dado os altos prêmios nos créditos emitidos por grandes empresas.

Os fundos **Multimercado** trazem maior diversificação de estratégias. Além disso, os gestores dessa classe conseguem aproveitar oportunidades em prazos mais curtos, enquanto o investidor teria mais dificuldade, e maiores custos, para movimentar seu portfólio. Importante ter um mix de estratégias nessa classe através dos fundos Macro, Long & Short e Quantitativos.

Reduzimos ativamente a posição de **Renda Variável** frente às incertezas do cenário doméstico.

Para os clientes que estão começando agora, ou abaixo do percentual alvo ajustado, nossa recomendação é implementar novas posições ao longo de 6 meses, como explicamos nesse relatório.

Aumentamos o risco global da carteira focando o aumento nos ativos da classe **Internacional**, aumentando exposição aos papéis de High Yield nos Estados Unidos, e retomando um pouco da posição em renda variável com exposição cambial.



Investidor Agressivo: como investir no cenário atual?

Neste mês, seguimos com o aumento gradual de risco da carteira, sugerindo desta vez uma redução ativa da posição de renda variável no Brasil, focando o aumento em ativos de renda fixa e renda variável do mercado global.

No mês passado havíamos reduzido parcialmente a exposição cambial da carteira, tendo em vista a forte desvalorização do real frente ao dólar. Porém, frente a deteriora do cenário doméstico, esse mês retomamos ligeiramente.

Sugestão de carteira

Em torno de um 30% da carteira está atrelado às **taxas de juros de um dia**, sendo que 5% com possibilidade de resgate rápido, necessária para atender as necessidades de liquidez do próprio investidor e também nos possibilitando alterações rápidas na alocação. No restante buscamos maior rentabilidade através de papéis bancários e corporativos, isentos ou não.

Zeramos a exposição à **Prefixados** por entender que frente às dificuldades da crise, a curva de juros se encontra bastante comprimida.

Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Seguimos concentrados em créditos isentos de prazo de cerca de 5 anos em detrimento de fundos expostos à papéis do Tesouro Nacional, dado os altos prêmios nos créditos emitidos por grandes empresas.

Os fundos **Multimercado** trazem maior diversificação de estratégias. Além disso, os gestores dessa classe conseguem aproveitar oportunidades em prazos mais curtos, enquanto o investidor teria mais dificuldade, e maiores custos, para movimentar seu portfólio. Importante ter um mix de estratégias nessa classe através dos fundos Macro, Long & Short e Quantitativos.

Reduzimos ativamente a posição de **Renda Variável** frente às incertezas do cenário doméstico.

Para os clientes que estão começando agora, ou abaixo do percentual alvo ajustado, nossa recomendação é implementar novas posições ao longo de 6 meses, como explicamos nesse relatório.

Aumentamos o risco global da carteira focando o aumento nos ativos da classe **Internacional**, aumentando exposição aos papéis de High Yield nos Estados Unidos, e retomando um pouco da posição em renda variável com exposição cambial.

